

---

## LUMIÈRE DE MES NUITS

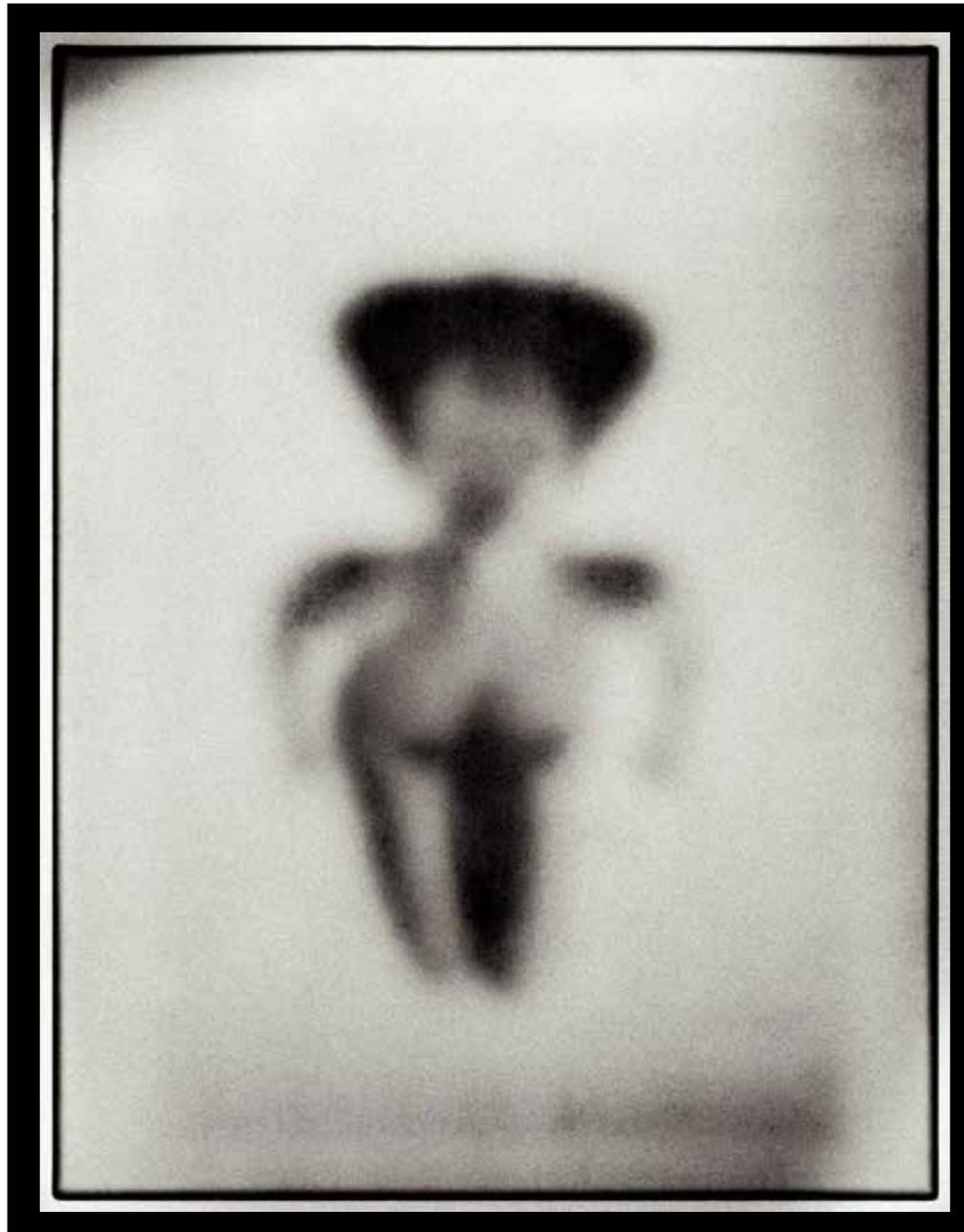


Amphitrite. Claude Philippot . 1995

---

**Claude Philippot**

e-mail: [claude.philippot@yahoo.fr](mailto:claude.philippot@yahoo.fr)



Andromède. 1995



Céphé. 1995



Egérie. 1995



Junon. 1995



Laetitia. 1995



Psyché. 1995



Sirrah, 1995



Stella. 1995



Vesta. 1995



Venus. 1995

---

## FE-MENINOS: UMA POÉTICA FOTOGRÁFICA SOBRE A CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE

*Talvez por isso, desde Émile Durkheim, exageremos em ser o que não somos, em fazer de conta que descrever a realidade do homem pode e deve seguir parâmetros frios da descrição da realidade.*

José de Souza Martins

Fe-meninos é um ensaio fotográfico construído a partir de um conjunto de imagens realizadas para um projeto de extensão universitária de Antropologia e de Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba a respeito da diversidade sexual neste Estado. São fotografias tomadas nos bastidores de concursos de beleza e de performance gay em João Pessoa entre os anos de 2010 e 2012.

Poderíamos partir da premissa que todo ensaio fotográfico fala a respeito de alguma coisa e, assim, retrata e registra o tema escolhido. No entanto, o verdadeiro foco está na forma como o tema é abordado: o ensaio é uma maneira de se relacionar com o tema, e não uma consequência do tema, como afirma João Moreira Salles<sup>9</sup>. Em Fe-meninos, o processo de edição privilegiou a poética, e não o descritivo. A ideia central não foi traduzir o real em imagens, mas falar sobre ele explorando

a subjetividade de quem fotografou as subjetividades dos ambientes e dos sujeitos fotografados, como também, e principalmente, dos modos de se experimentar o feminino. Assim, elaborar um ensaio fotográfico significa construir uma nova realidade. E como toda realidade, ele é também permeado de subjetividades, imaginação e contradições.

Se por um lado a sequência das fotografias sugere um processo de transformação momentânea do masculino em feminino, o que poderia redundar numa operação de descrição dos eventos; por outro, o foco seletivo nos objetos e em partes dos corpos, em expressões faciais semiescondidas pela falta de foco, em superfícies de espelhos, na quase ausência de rostos nítidos, em silhuetas, na cor da luz ambiente etc. ampliam os espaços para a imaginação do receptor, dão vazão às subjetividades internas do conjunto da obra fotográfica, expressam modos do fotógrafo sentir os ambientes, os personagens e o próprio processo de construção e de experimentação do feminino presenciado por ele.

---

**Paulo Rossi**

Fotógrafo

e-mail: pjrossi@gmail.com

<sup>9</sup>SALLES, João Moreira. “A dificuldade do documentário”. In MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Silvia Caiuby (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru, SP: Eduse, 2005.

## FE-MENINOS



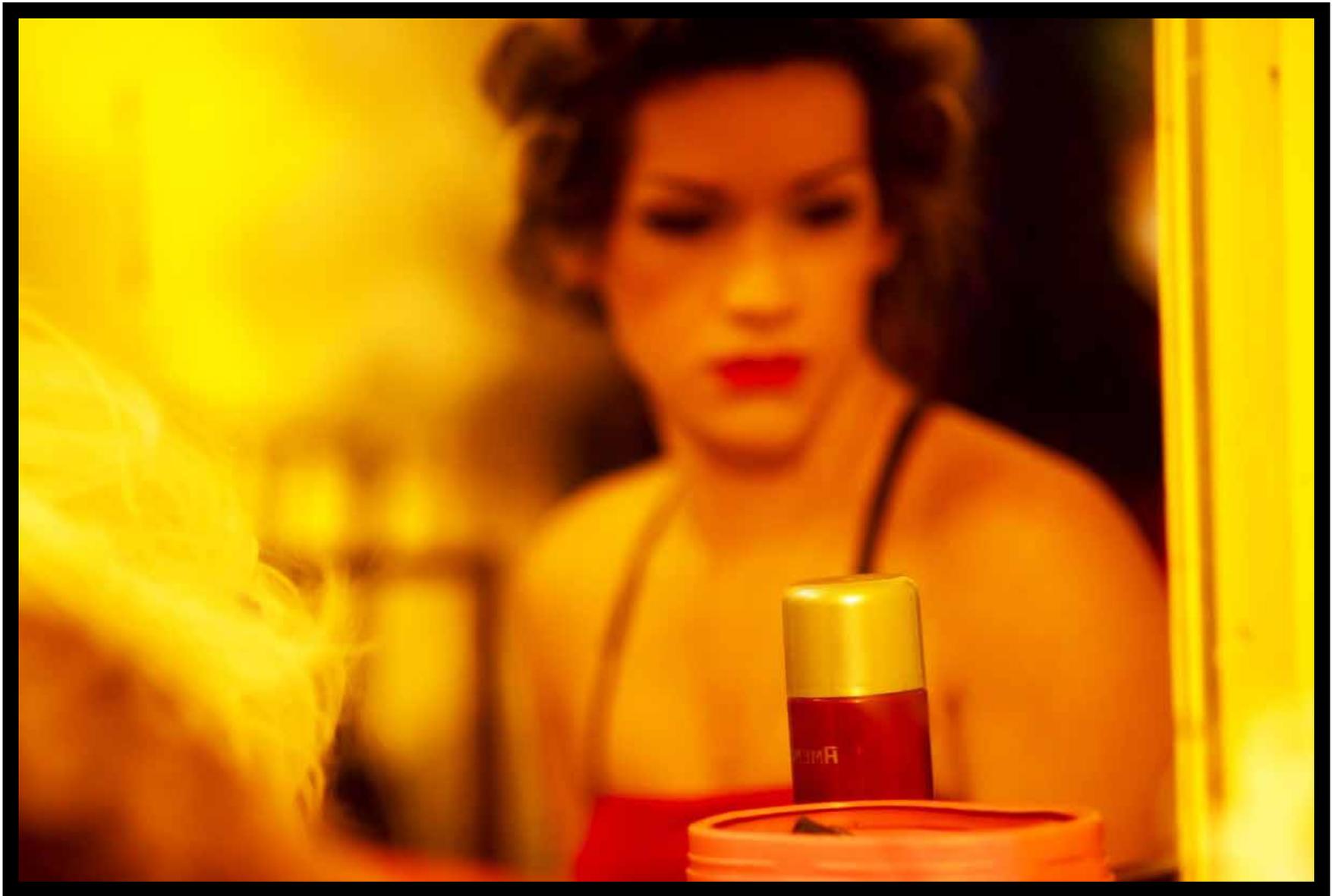
Fe-meninos 1



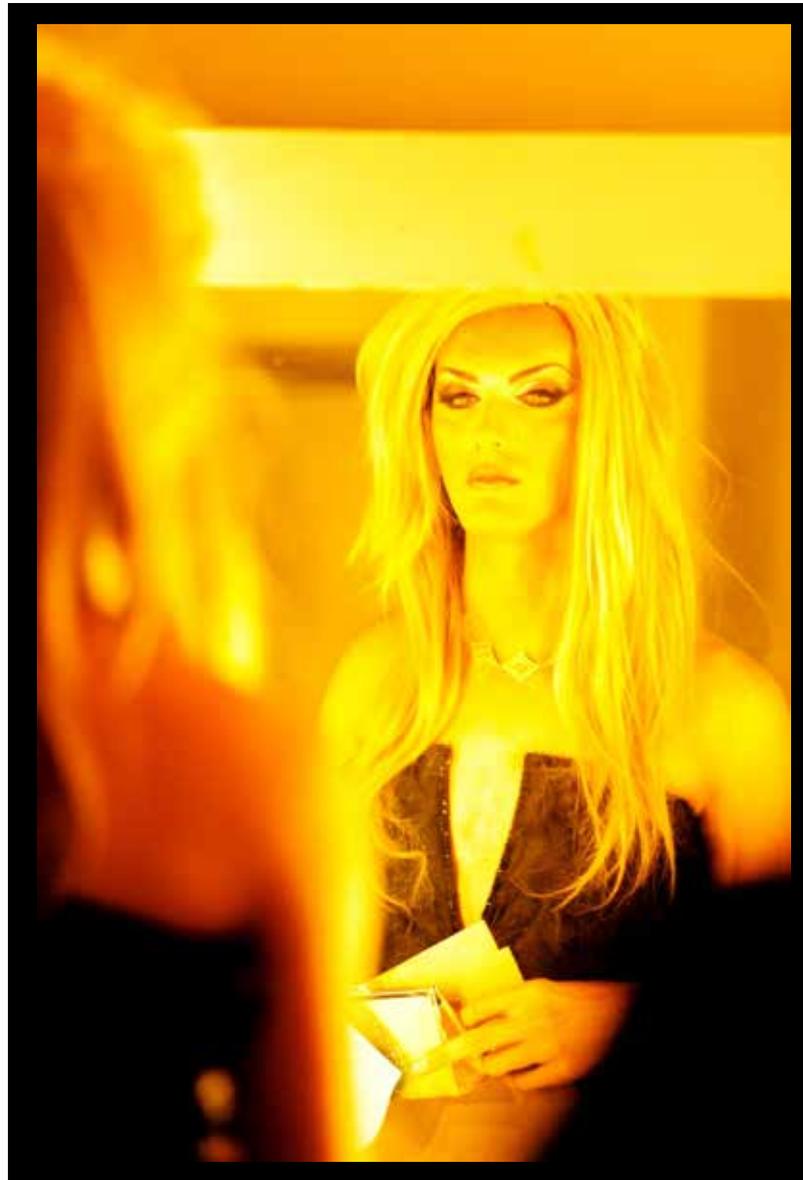
Fe-meninos 2



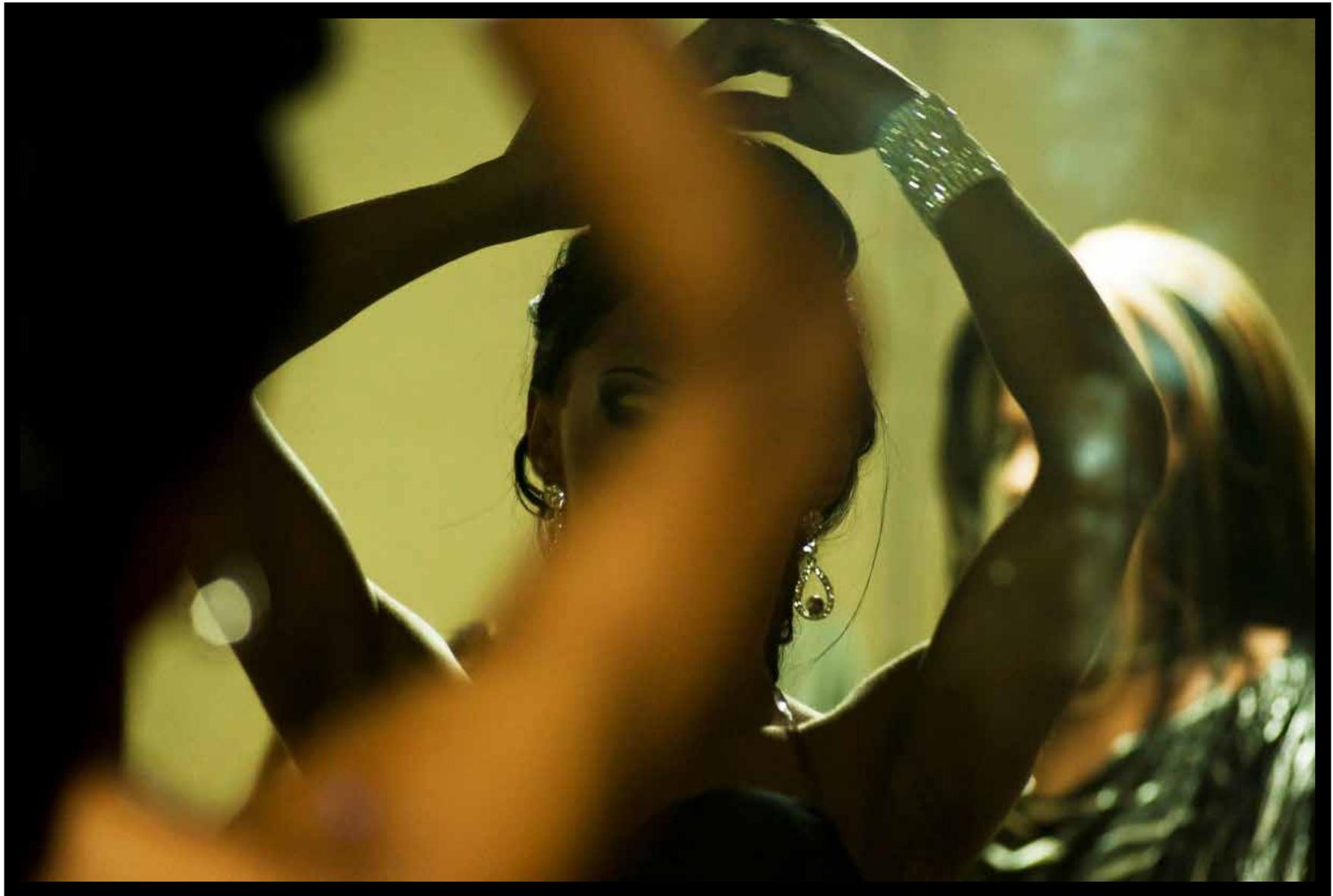
Fe-meninos 3



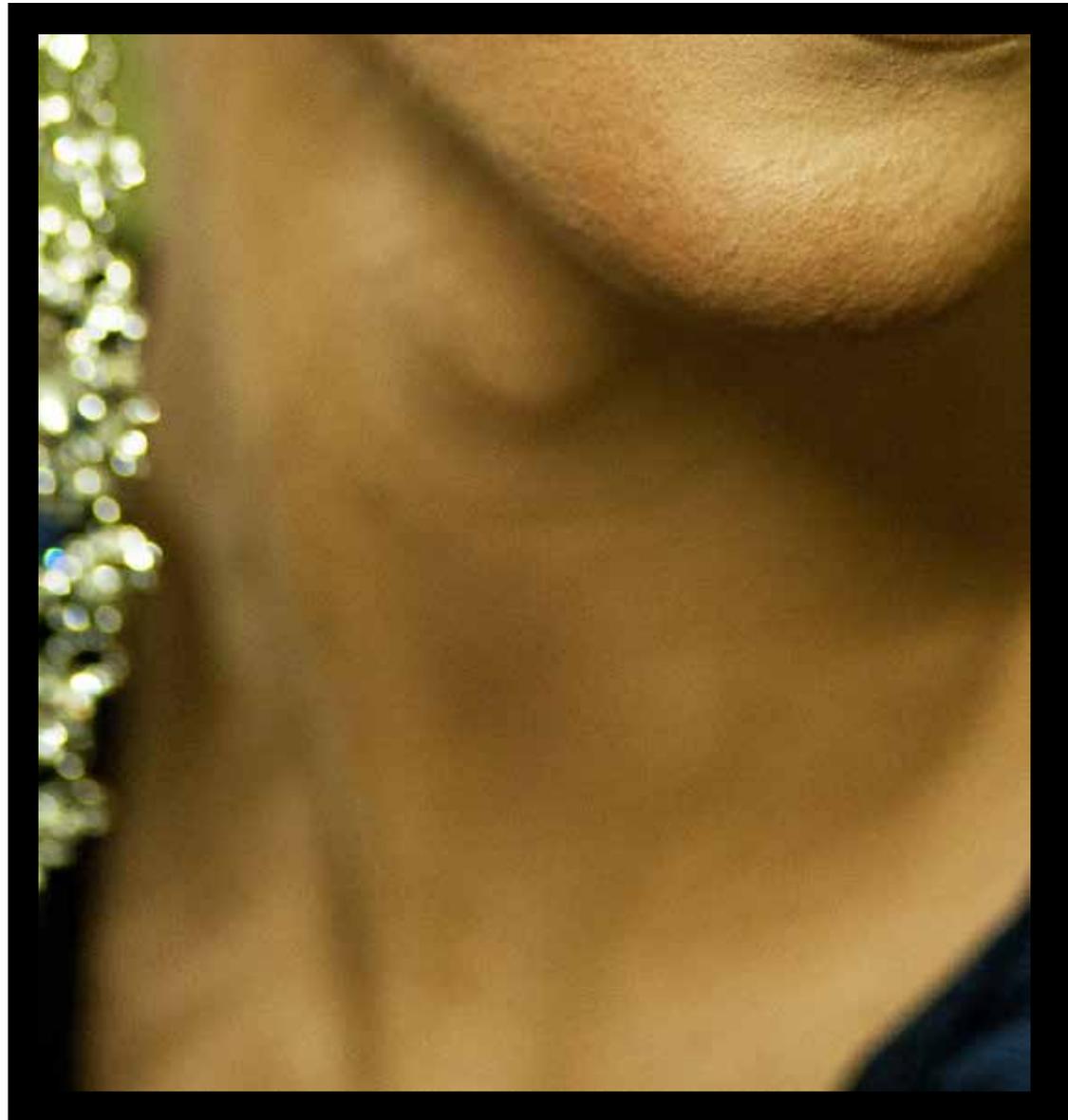
Fe-meninos 4



Fe-meninos 5



Fe-meninos 6



Fe-meninos 7



Fe-meninos 8



Fe-meninos 9



Fe-meninos 10

O mito de origem de Roma conta que a mesma foi fundada pelos irmãos Rômulo e Remo que, após serem jogados nas águas do rio Tibre, foram milagrosamente salvos e criados por uma loba (lupa) e, ao se tornarem adultos, restauraram o trono de seus antepassados e fundaram a cidade às margens do mesmo rio<sup>10</sup>. Recuperei esse mito, a fim de destacar o papel que uma eventual prostituta parece assumir no mito de fundação romana, tendo em vista que lupa pode ser interpretada tanto como o animal quanto com a prostituta. E é desta palavra que se originou os denominados lupanares, casas de prostituição que existiam em abundância nas cidades romanas. Para essa ocasião vou me ater especificamente a um lupanar de Pompeia, cidade romana soterrada pelas lavas do Vesúvio em 79 d.C., que possibilitou a preservação de uma vasta cultura material.

O lupanar pompeiano se localizava no centro da cidade, muito próximo ao fórum tratava-se, portanto, de uma região bastante frequentada. O edifício possuía dois pisos, sendo que cada andar possuía cinco quartos destinados a receber os clientes e são em suas paredes que encontramos inúmeros registros tantos iconográficos quanto epigráficos sobre o possível cotidiano destes encontros fortuitos<sup>11</sup>. As pinturas possuíam temas

eróticos variados, desde representações de deuses a imagens de cortesãs em posições sexuais. As inscrições, que somam mais de duzentas, eram de registros variados, desde nomes de clientes e das prostitutas até os próprios registros das atividades, por exemplo, aqui fodi eu muitas mulheres [CIL IV, 2175] ou Quando aqui cheguei, fodi, depois...voltei para casa [CIL IV, 2246]<sup>12</sup>.

Com estes trechos de grafites pompeianos, destaco o quão prosaicas eram estas atividades, uma vez que a figura anônima resume ali sua aventura de prazer e toma depressa o caminho para casa. Eram nestes espaços que se podiam obter os favores sexuais mais depreciados entre a sociedade romana. Eram ali que homens pagavam para obter o prazer da fellatio (sexo oral em homens) e mulheres usufruíam da cunnilingus (sexo oral em mulheres), como expressam as próprias imagens dos ambientes.

Eram somente as prostitutas que poderiam oferecer estes tipos de favores na sociedade romana, tendo em vista que a boca era um local relacionado à pureza, destinado ao discurso e à oratória pública<sup>13</sup>. Dessa forma, os lupanares em Pompeia, além de ser uma alternativa econômica

---

### **Pérola de Paula Sanfelice**

Doutoranda em História-UFPR. Bolsista CAPES.  
e-mail: perolasanfelice@gmail.com

<sup>10</sup>FUNARI, Pedro P. (2004). Grécia e Roma. São Paulo: Editora Contexto. p. 80.

<sup>11</sup>McGINN, Thomas A.J.(2002). Pompeian brothels and social history. In: Journal of Roman Archaeology. Portsmouth, Rhode Island.

<sup>12</sup>GUERRA, Amílcar. (2009). Do grafito ao Afresco: sexualidade e cultura popular entre os habitantes de Pompeios. In: RAMOS, J.A.; FIALHO, M.; RODRIGUES, N.S. (Orgs). A sexualidade no mundo antigo. Portugal: Clássica – Artes Gráficas. p. 475.

<sup>13</sup>CLARKE, John R. (2003); Roman Sex: 100 B.C. to A.D. 250. New York: Harry N. Abrams Inc. Publishers.

que empregavam os ex-escravos (as), eram também o espaço onde afloraram outras formas de prazeres e desejos, não tão distantes ou não interpretados como ambientes de transgressão moral ou de interdito sexual, haja vista a sua geografia, em pleno centro urbano ao lado do fórum da cidade<sup>14</sup>.

Outro aspecto importante de se ressaltar é o que tange às manifestações das crenças, embora muitas prostitutas exercessem funções que não eram apreciadas na vida pública, estas não estavam distantes das práticas religiosas. Há registros que remetem a sexualidade enquanto forma de ritual, o culto a Ísis era particularmente apelativo para as meretrizes, em torno de quase todos os bordéis havia templos de culto à deusa, a qual traduzia a ideia de fertilidade e liberdade. Outros deuses também eram cultuados, no interior do lupanar pompeiano, por exemplo, havia uma pintura do deus itifálico, Príapo, nesse contexto, além de proteger os frequentadores desse

estabelecimento, também simbolizava uma grande potência sexual, devido ao seu estado de ereção, e para além dessas atribuições, a figura, que possuía um duplo falo, poderia ser considerada uma “piada visual”, proporcionando aos observadores o efeito cômico de como duplicar o seu prazer<sup>15</sup>.

Por fim, considero importante ressaltar que estes ambientes eróticos são um desafio para as nossas percepções modernas, pois seus vestígios nos possibilitam uma reconfiguração do sagrado, e a construção de um olhar menos normativo acerca deste tema. Discutir, mesmo que brevemente, os registros da prostituição em Pompeia e perceber a complexidade de tais fenômenos pode nos auxiliar a pensar a sexualidade, não como mero discurso biológico sobre procriação, mas como parte da história e cultura dos povos, facilitando a produção de percepções mais fluidas e menos calcadas em preconceitos.

<sup>14</sup>LAURENCE, Ray (2010); *Roman Passions: A history of Pleasure in Imperial Rome*. London:Continuum.

<sup>15</sup>SANFELICE, Pérola P; GARRAFFONI, Renata S. (2011). A religiosidade em Pompeia: Memória, sentimentos e diversidade. In: *MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES*, 12 (30), 2011 (jul./dez). Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

---

## BESTIÁRIO



Bestiaire 1

---

**Emilie Salquère**

e-mail: [emiesel@hotmail.com](mailto:emiesel@hotmail.com)

<http://emilie.salquebre.over-blog.com/>



Bestiaire 2



Bestiaire 3



Bestiaire 4



Bestiaire 5



Bestiaire 6

**Emilie Salquèbre** pesquisa por um caminho pictural o suave deslizamento da realidade (aquilo que se impôs a nós) para as portas do real. (aquilo que não se vê, não se nomeia). Seu trabalho toma a forma de instalações-vídeo e de fotografias nas quais estão propostas ficções cuja narração parece continuar velada. Trou et tas<sup>16</sup> são elementos recorrentes de uma poética do espaço que ela insiste em colocar em jogo. A questão dos limites entre humanidade e animalidade estão no centro de um bestiário que ela constitui desde 2011. O conjunto dessas imagens constitui coreografias, articulação entre movimento e não-movimento, do lugar, da moldura e dos corpos. O estranho, o absurdo e a fragilidade do mundo perceptível são convidados ao interior de suas encenações. Paralelamente, ela desenvolve trocas múltiplas com outros artistas, coreógrafos, musicistas, performers...

Tradução: Prof. Dr. Carlos Alberto da Fonseca

Diplômé de l'ENSA - (Ecole Nationale Supérieure d'Art de Nancy), 2008.  
DNAP(2005) / DNSEP avec les félicitations du jury.

Actuellement en résidence aux «TROISHUIT». <http://www.lestroishuit.com/actus.html>

- l'IMAGE EN DIALOGUE, residence photographique, St Dié, Surface Sensible
- POINT DE VUE, exposition photographique, Lunéville, Surface Sensible
- LEVEL 12B, Evenement Collectif Multimedia, Fort d'Hollogne (BE).
- RUBBING GLANCES, GaleriePoirel, Nancy.
- PUISER, festival rencontresimprobables, Bayonne.
- EINE NACHT, «Sans noms», Castel Coucou, Forbach.
- SK-INTERFACES, «Remix Bleu», Casino, Luxembourg.

- MEDÉEMIE, conversation lapin-basse, SPAC 09, ENSA, Nancy,
  - diffusion de vidéos sur [www.souvenirsfromearth.tv](http://www.souvenirsfromearth.tv)
  - KYRIELLE, exposition personnelle ,Spraylab, Nancy
  - OFF7, Castel Coucou, Forbach.
  - Nuit de la Vidéo, les Yeux de l'Ouïe, Nancy
  - LE NOUVEAU PAYSAGE FAMILIALE, Galeries Poirel, Nancy
  - résidence DANCE PALACE, compagnie Ormone, Luxembourg.
  - TABLE OF ICE, Le Pavé dans la Marre, Besançon.
- 2004/2008 - Plasticienne au sein de la compagnie Ormone.  
Création de «Temps de fonte(Tf#)» avec Aurore GRUEL.  
série d'installations plastique et chorégraphique éphémères autour de la glace.  
(Mathieu Chamagne, Thierry Madiot, DaunikLazro, Daisuke Tomika...)  
Diversas exposições nas cidades de Nancy, Metz, Besançon, Scy Chazelles entre 2005 e 2013.

<sup>16</sup>Trocadilho em francês que perde muito com a tradução, que seria algo como: Côncavo e convexo, ou buraco e morro. (NT)Island.

---

## ELAS TE REVELAM

Se seguirmos a leitura do imagético, veríamos mulheres em seu cotidiano, indo e vindo para seus lares, trabalhos, afazeres. Num cenário que inspira essa leitura vemos a cidade de fundo em segundo plano, e mulheres. Em quadros bem colocados, o jogo de luz e sombra, a deixa para uma tela, para tirar notas de um instrumento de cordas. Faremos uma leitura técnica, subjetiva, decifrando inúmeras possibilidades intrínsecas nas imagens.

Uma a uma vão se mostrando, se escondendo. Poderia ser o mesmo local, a mesma mulher em seus gestos e movimentações semelhantes, integradas na realidade cotidiana.

Se não fosse por alguns momentos onde faço a leitura da emoção. Emoção esta que talvez seja a reflexão direta da fotógrafa, o que vejo caminha linearmente com a sensibilidade. O olhar que descobre a luz nem precisa ser tão delicado, mas somente uma mulher entenderia, o que a lente registra é uma imagem pronta de si mesma.

Ouso observar mulheres sem passado, estão todas perdidas no presente, avistando alguma possibilidade em seus destinos e que vão desenvolvendo uma nova pose de viver.

A revelação de igualdade do feminino, a palpitação, a intuição, a voracidade dos pensamentos de cada uma delas e que de repente vira paz.

A paz no silêncio da contemplação distraída num alvo que passa, são todas assim, um turbilhão em paz.

Pensando tudo junto e contemplando o nada, apenas existindo e deixando o resto se mover. Imergindo no pensamento da alienação que ficam impregnadas nos olhos e na visão.

Congeladas sem entender o motivo pelo qual devíamos andar, ficamos presas aos nossos próprios mundos, incansáveis e exaustas. Mas precisando caminhar carregando uma sacola, um passeio, um filho, um gesto de temor, histórias, um amor.

Estamos fechadas, mas conversando entre si. E cada uma que olhar verá que vai se ver, porque assim, só, conseguimos ser.

---

### **Cássia Xavier**

Fotógrafa e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Imagem e Memória do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (NEIM-LEER/USP)  
e-mail: cassiavaxier\_foto@hotmail.com

---

## O FEMININO ORDINÁRIO



Nancy, França . 2012

---

**Carla Vannucchi**

Fotógrafa e Historiadora

[www.carlavannucchi.viewbook.com](http://www.carlavannucchi.viewbook.com)

e-mail: [carlavannucchi@gmail.com](mailto:carlavannucchi@gmail.com)



Strasbourg, França . 2013



Paris, França . 2013



Maxéville, França . 2013



Mont-sur-Meurthe, França . 2013



Nancy, França . 2013



Rue du Placieux, Nancy, França. 2012



Ribeirão Preto, Brasil . 2008



Nancy, França . 2013



Place de la République, Nancy, França . 2012

Licenciada em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá, atua na área de conservação e restauro de acervos fotográficos e história da fotografia na região de Ribeirão Preto – SP especializada no restauro de negativos em vidro e em acetato deteriorados. Tem experiência nacional e internacional em Arquivos Públicos e departamentos de imagens. Fotógrafa com 22 anos de experiência tem o trabalho direcionado para a educação. Como artista, participou de diversas exposições individuais e coletivas no Brasil, França e Portugal. Com grande experiência no mercado editorial: editoração eletrônica, projetos gráficos, criação de capas de livros e restauro digital de fotografias. Trabalhou como numerizadora e restauradora no projeto exposigráfico do Museu do Café Francisco Schmidt em Ribeirão Preto. “Anais de Musicologia de Ribeirão Preto”; (USP-RP 2003-2005 criação de capa); restauradora do acervo de Clementino Câmara para a publicação “Geringonça do Nordeste”; (QUEIROZ, Geraldo) UFRN – 2009; Inventário Arquetônico de Mococa -2011, (BARRETTO,

Suzana) como pesquisadora, desenhista-arquiteta, na reprodução, digitalização e restauro digital de imagens. Membro curador do Museu da Imagem e do Som de Ribeirão Preto, SP. Membro do corpo editorial da Revista Diálogos (2009, 2010, 2011 – CUBM); Teve artigos publicados em História e História (UNICAMP); Revista Diálogos (CUBM); Universidade de Oradea (Transilvânia – Romênia); além de vários artigos em veículos impressos de grande circulação sobre inclusão de pessoas com deficiência. Em 2012 participou da 29ª Jornada Europeia de Patrimônio no Castelo de Lunéville, França - com o trabalho fotográfico “Filhos do Café”. Atualmente, prepara seu projeto de mestrado sobre os processos de conservação do acervo fotográfico de uma Instituição educacional do interior do estado de São Paulo, ministra aulas de fotografia na União Geral do Trabalhadores - Pontão de Cultura Sibipiruna em Ribeirão Preto.  
[www.carlavannucchi.viewbook.com](http://www.carlavannucchi.viewbook.com)

---

## PAISAGENS

*A minha Casa é guardiã do meu corpo,  
E protetora de todas as minhas ardências.  
E transmuta em palavra  
Paixão e veemência  
(Hilda Hilst<sup>17</sup>)*

Haveria um corpo, em desfiladeiro, a água. Haveria um corpo e junto dele, amalgamado a ele, um outro. A luz acaricia os corpos. A água recobre-os de pluma. Haveria dois corpos femininos (ou não). Haveria um corpo e junto dele a luz. No entre-lugar do sexo há beleza.

Em cena, o objeto desafia os olhos do espectador. O espelho de Oxum interroga a lente, desnuda o olhar. No centro do gesto narcisista, todo um mundo de (des)construção do eu. Aquele(a) que cria a sensação da cena, aquele(a) que recria os sentidos da cena, e já se vê representado(a) sob o cetim acobreado do lençol, sob a opacidade que lhe contempla. O quarto imaginado convida-te ao pacto.

A textura liminar. Filigramas de luz. A parte da casa-corpo sentida por quem conhece os seus interstícios. O sexto sentido. O detalhe como iluminação. Entre dois pontos acesos, algo de estranho, se faz evidente. Algo a-mais cresce e ganha corpo, pelos descaminhos do olhar.

Extremidades, fragmentos sensíveis do corpo. A fenda, por onde transita um infinito de raio e sombra. O azulejo espelha o cotidiano. Na

cozinha da casa, o corpo feminino se anula em inexistência de ser.

Alguna princesa teve a cabeça cortada pela lente audaciosa da fotógrafa. O amarelo avoluma-se na cena. A espectadora do ato descuidado é uma boneca. De cabelos azuis e olhos imóveis, ela observa. Grita a eterna repetição dos duplos femininos. Menina, mulher, boneca, princesa... O que seria das mulheres ocidentais se a elas não fossem inventadas bonecas?

Objetos fálicos adentram a cena sorrateiramente. Despretensiosos, ali, ao chão. Quase despercebidos, quase alimentos.

Em excesso. Símbolos movimentam-se em abismos. Do rabisco sobre o reino encantado dos contos de fadas à rasura de elementos do real cotidiano. A brevidade do tempo recriado só ali, no instante, mas que se reatualiza e se recompõe para além das horas. As artes do olhar e do sentir. À flor da pele, antigas marcas do feminino. A casa, a cama, o espelho, o vestido, a água... A princesa a interrogar-nos com olhos graves. Mãos cruzadas à altura dos joelhos, mãos de ancestrais esperas.

---

### **Luana Antunes Costa**

Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, USP  
e-mail: luanaantunescosta@yahoo.com.br

<sup>17</sup> HILST, Hilda. Jubilo, memória, noviciado da paixão. São Paulo: Globo, 2001.

---

A mulher nua se mascara, se outra. Mãos ocupadas em busca da estética beleza. Na cena, universos simbólicos pairam, à deriva.

Dois corpos femininos na água do banho. Aquele, em fase de flor, encontra apoio no outro, maduro. Entre ângulos e curvas, o feminino descortina-se ao teu corpo que vê e sente. Era uma vez, três demiurgas<sup>18</sup> perguntaram-se: Possível será ser-se mulher sem se ser fruto?

<sup>18</sup>BARRENO, Maria Isabel; HORTA, Maria Teresa; COSTA, Maria Velho da. Novas cartas portuguesas. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2010.

---

## INTERMITÊNCIAS



[Sem Título]

---

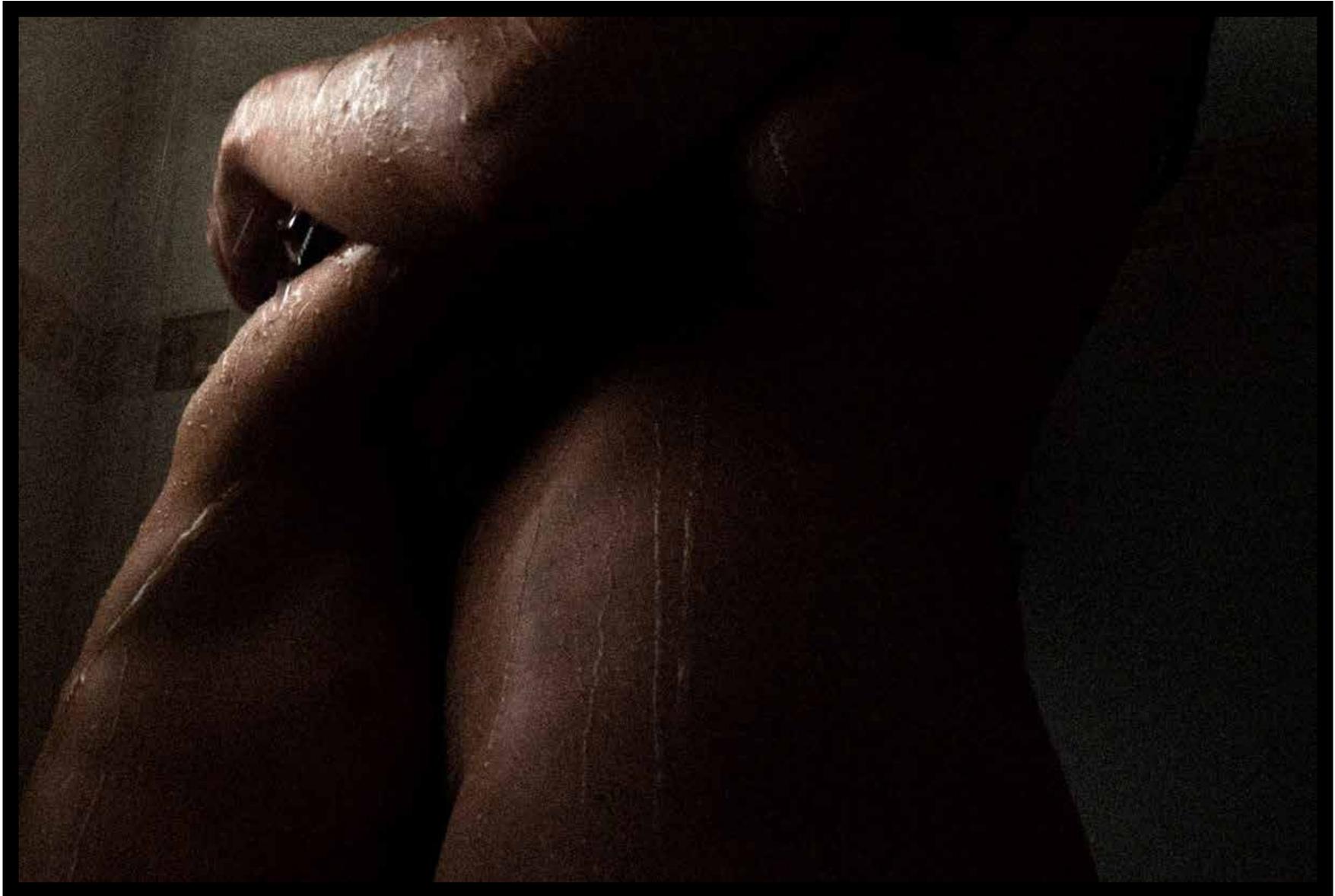
**Julia Braga**

Fotógrafa

e-mail: [juliabraga@gmail.com](mailto:juliabraga@gmail.com)



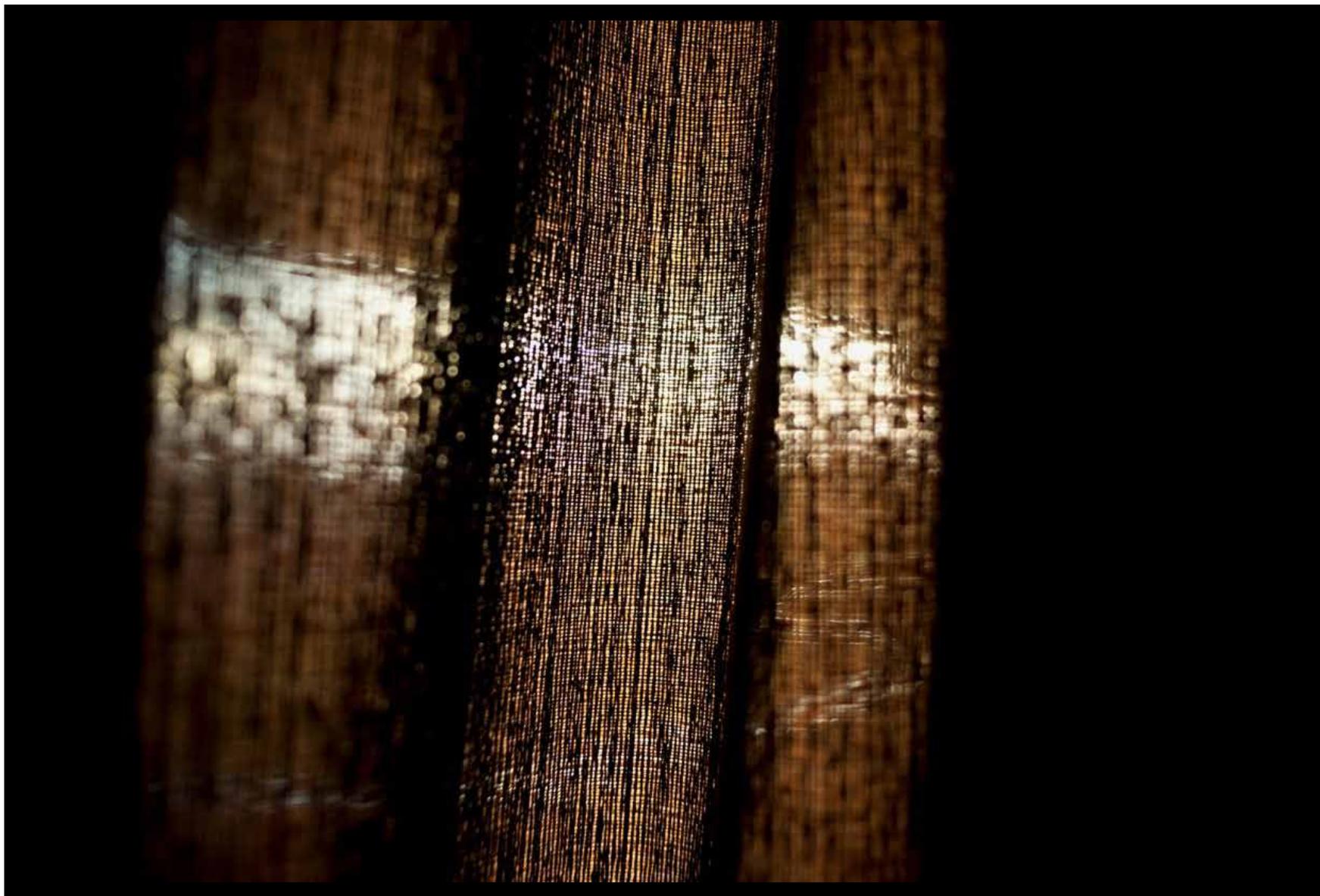
[Sem Título]



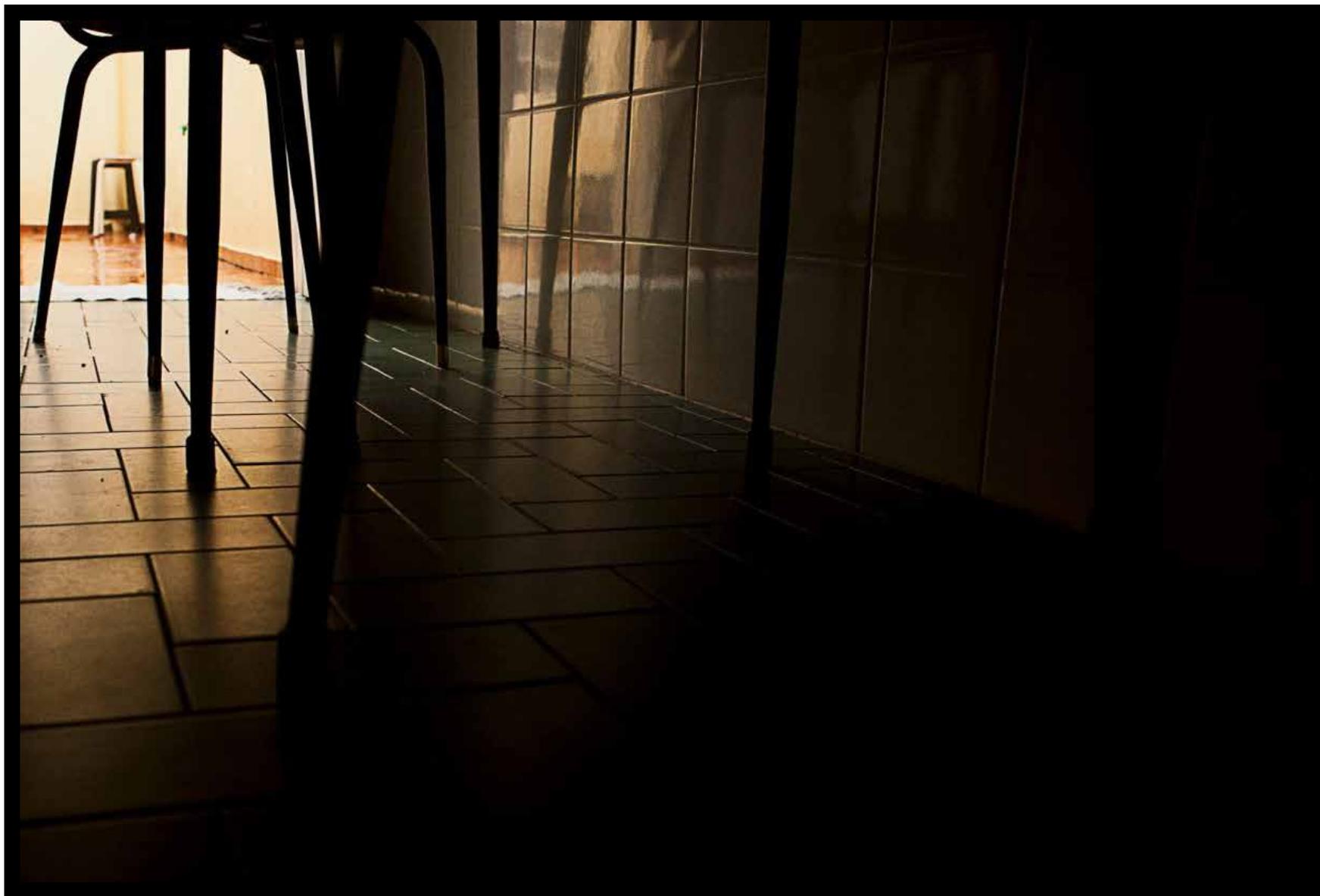
[Sem Título]



[Sem Título]



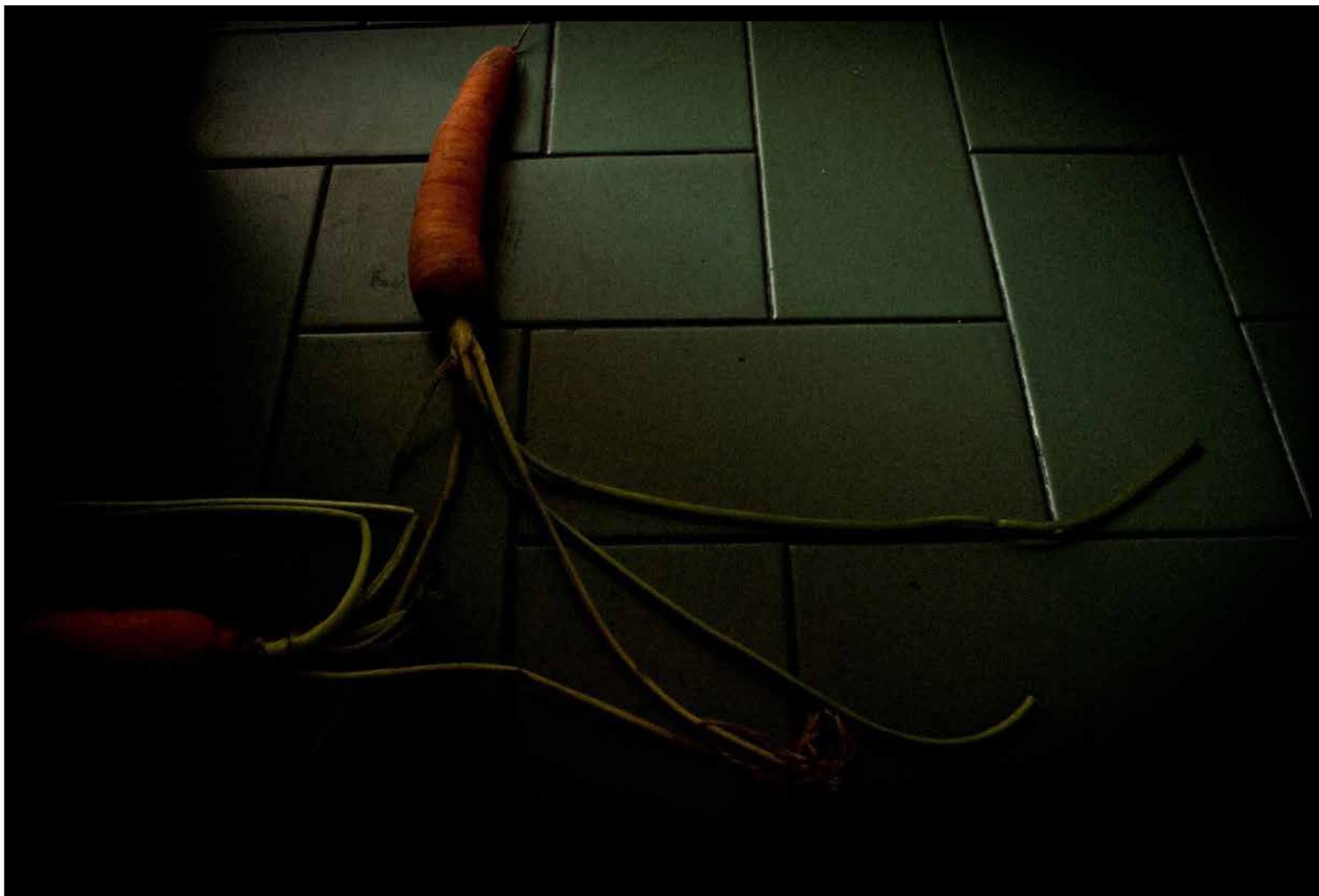
[Sem Título]



[Sem Título]



[Sem Título]



[Sem Título]

**JULIA BRAGA**

Fotógrafa e atua no campo de outras artes. É bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2002). Formou-se em fotografia pela Escola Panamericana de Arte e Design (2012). Estudou História da Arte no Citylit, Londres (2010). Estudou “Técnicas De Estúdio” na Kensington College of Communication, Londres (2010). Atualmente é membro do grupo de estudos de edição, montagem e curadoria de fotografia, dirigido pelo fotógrafo e curador Eder Chiodetto. Em São Paulo, participou da exposição de fotografia coletiva “Vejoperas-nove versos do olhar”, resultante de um trabalho em conjunto com o fotógrafo Carlos Moreira (2011). Seu Ensaio fotográfico, “Memória de um lugar”, participou da exposição coletiva “Sonho, Memória e Alucinação”, cuja curadoria foi assinada por Eder Chiodetto, em São Paulo (2012). As fotos deste último trabalho foram publicadas no Livro (Sonho, Memória, Alucinação - ensaios fotográficos 2012), organizado a partir desta exposição.

---

## FATAL-MENTE

Na ponta da agulha, a bala, ou a bela. Que pode nem ser, mas quer. Fatalmente ela conduz a cena que rouba ao mesmo tempo pra si. Seu objetivo é ela mesma, seu próprio prazer e seus sonhos mais íntimos.

Afiada, desafia. Shangai, Londres, Pindamonhangaba, La Paz, não importa. São elas e elas somos nós. Fatal-mente.

Alivia seus medos impondo outros, impondo mistérios óbvios, mas tem nas mãos, nos pés, nos olhos marcados que chegam a ser disfarce. Não disfarçam, desfazem.

Entrega-se ao roteiro de seu próprio filme e firme, relaxa.

Ela, eu, você. Desarruma a sala para se arrumar. Depois, arrumará a sala mais uma vez. Arrancará a maquiagem e, disfarçada, volta a viver.

---

**Carla Vannucchi**

Fotógrafa e Historiadora

e-mail: [carlavannucchi@gmail.com](mailto:carlavannucchi@gmail.com)

---

## EROS REVELADO



Eros revelado 1

---

**Alain De La Fuente**

Fotógrafa

e-mail: [alain.de-la-fuente@orange.fr](mailto:alain.de-la-fuente@orange.fr)



Eros revelado 2



Eros revelado 3



Eros revelado 4



Eros revelado 5



Eros revelado 6



Eros revelado 7



Eros revelado 8



Eros revelado 9



Eros revelado 10

### **Alain De La Fuente : Un homme-Femme-Enfant**

Avec cette série de photos, Alain rend hommage à la féminité – et par ce biais, à toutes les femmes qui ont jalonné sa vie. Dissimulé derrière son objectif comme un enfant derrière un trou de serrure, il capte l'essence de l'être féminin, y inscrit transpose ?) toute son admiration et l'immortalise. Avec la pudeur et la discrétion qui le caractérise, il devient le révélateur qui dévoile, souligne les formes et caractères féminins.

La magie opère : la femme se mue en femme fatale !

Et l'on comprend (ressent ?) que c'est bien lui qui se met à nu...

Isa Déon, France, 2013.

### **Alain De La Fuente**

Nascido em Lunéville. Vive e trabalha na Lorena. Alain de la Fuente tem como atividade principal animação cultural de jovens e públicos com dificuldades, Disléxico, aprendeu pouco a escrita e a leitura, desenvolvendo assim muito cedo o gosto e a sensibilidade pela imagem. Após um percurso profissional variado no meio sócio-educativo e cultural, Alain trabalha no serviço de comunicação da prefeitura da cidade de Sarrebourg onde exerce ocasionalmente a função de fotógrafo. Tem aqui, pela primeira vez, seu trabalho publicado por indicação e incentivo de Carla Vannucchi, sensível ao seu trabalho fotográfico, após participarem juntos da exposição "Point de Vue" da École-des-regards no Castelo de Lunéville, França, 2013.

---

## DEUSAS GREGAS...

É difícil alguém declarar que não aprecia a arte da Grécia, especialmente o que sobrou de sua literatura, de sua escultura e de sua arquitetura. Da mesma forma, é muito frequente alguém fazer o elogio da democracia grega. O difícil é encontrar quem se lembre de que aquela “democracia modelo” se baseava na escravidão e, portanto, naquele Estado a produção das obras de arte também dependia do trabalho escravo. Diante desta constatação, um materialista do século XIX disse que o apreciador da arte grega deveria dar o devido peso à escravidão.

O primeiro capítulo da escravidão se perdeu na noite dos tempos e corresponde à subordinação da mulher ao homem. Há um vigoroso registro desta operação na parte final da Orestéia de Ésquilo (As Eumênides), quando o tribunal estabelece que o matricídio de Orestes é crime de gravidade inferior ao tiranicídio de Clitemnestra, sob o argumento de que não há relação consanguínea entre mãe e filho. As Eumênides, representantes dos tempos imemoriais do matriarcado, constataam na absolvição de Orestes a consolidação do poder masculino

que incluía a destituição da mulher até mesmo de seu papel na reprodução da espécie. Para não haver dúvidas sobre a participação ativa das próprias mulheres nesta usurpação, Ésquilo ainda teve o cuidado de destinar a Atena a declaração de que só o pai é necessário para a geração de um novo ser. Fica para algum analista inspirado em Freud ou Strindberg a tarefa de demonstrar que o mito segundo o qual Atena “nasceu” da cabeça de Zeus pai não passa de elaboração masculina explicitada como tal.

Como se sabe, a escravidão como motor da economia moderna começou a ser questionada no início do século XIX. Da mesma forma, a escravidão da mulher. Coube ao socialista Charles Fourier a primeira formulação de um critério da emancipação humana pautado na condição feminina. Ele achava que, numa dada sociedade, “o grau de emancipação da mulher é a medida natural da emancipação geral”. Já se passaram dois séculos de luta e continuamos às voltas com o arbítrio masculino em todas as esferas, começando pela doméstica.

---

**Iná Camargo Costa**  
Universidade de São Paulo  
e-mail: inativa@gmail.com

---

**AS NOSSAS SENHORAS**

**OLD LADIES**



Dona Dita

---

**Lisandra Oliveira**

Fotógrafa

e-mail: lis10ao@gmail.com



Dona Pureza



Dona Maria



Dona Geni



Dona Idalina



Dona Erli



Dona Cleusa

**Lisandra Oliveira**

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997), especialização em Fotografia pelo Centro Universitário Senac (2007) e mestrado em Photography and Urban Cultures pela University of London (2011). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Fotografia. Atuando principalmente nos seguintes temas: fotografia, sociologia, sociologia visual.

---

## VISIBILIDADES CONTEMPORÂNEAS, ANTIGOS PROBLEMAS

Monstruosas, sensuais, santas ou castas, as mulheres foram muitas vezes representadas na literatura, nas artes visuais e no cinema em polos binários e redutores que invisibilizavam suas escolhas e experiências. Na atualidade, o campo cultural passa a ser analisado como uma esfera atravessada pelas relações de poder e muitas artistas reagem aos enunciados historicamente determinados, provocando a visualidade contemporânea com autorrepresentações irônicas, dramáticas e agudas de si. Se agora as mulheres indicam um leque muito amplo de compreensão sobre suas autoimagens, também exigem representações externas que contemplem as diferenças existentes entre as mesmas tais como raça, classe social, geração e opção sexual. Corpos padronizados, pasteurizados e obedientes – ainda que hegemônicos na mídia – passam então a ser contestados e denunciados como ilusórios e adormecidos em suas potencialidades criativas.

A historiadora Tania Navarro-Swain indica como esses modelos inalcançáveis de jovialidade e beleza não interessam às mulheres “de carne e osso” que vivenciam a passagem do tempo: “a velhice, tanto quanto a juventude, é uma categoria social que cristaliza sobre os corpos

em transformação contínua, valores e significações com uma importância decisiva sobre seu lugar nas relações humanas”<sup>19</sup>. A já conhecida “ditadura da beleza” permite-nos ver como as subjetividades femininas ainda se constroem pautadas pelo olhar do outro, ou seja, pelo olhar masculino que as objetifica e desconsidera suas histórias e vozes próprias. Assim, não se trata somente de desconstruir as imagens cristalizadas no social, mas de criar novos imaginários que contemplem as diversidades de expressões e de vivências humanas.

Vale destacar a proposta de uma artista visual brasileira, Rosângela Rennó (MG, 1962-) que ao trabalhar com fotografias descartadas ou antigas propõe que precisamos reaprender a ver. Não nos faltam imagens – provoca essa “fotógrafa que não fotografa” –, falta-nos uma atitude que estacione a proliferação de imagens repetidas em nosso mundo e interpele por outros sentidos críticos.<sup>20</sup> Outra artista multimídia, também fotógrafa, Fernanda Magalhães (PR, 1926-), aborda imagens de mulheres gordas cujos corpos são excluídos do domínio aceitável e visível, mostrando-nos suas alegrias, tristezas, marcas e trajetórias. Em algumas de suas obras os corpos das mulheres fragmentados e compostos em co-

---

### Luana S. Tvardovskas

Doutora em História Cultural, IFCH, UNICAMP.  
e-mail: luasaturnino@gmail.com

<sup>19</sup> NAVARRO-SWAIN, Tania. “Velha? Eu? Autorretrato de uma feminista” In: VEIGA-NEGO, Alfredo (Org.) Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 268.

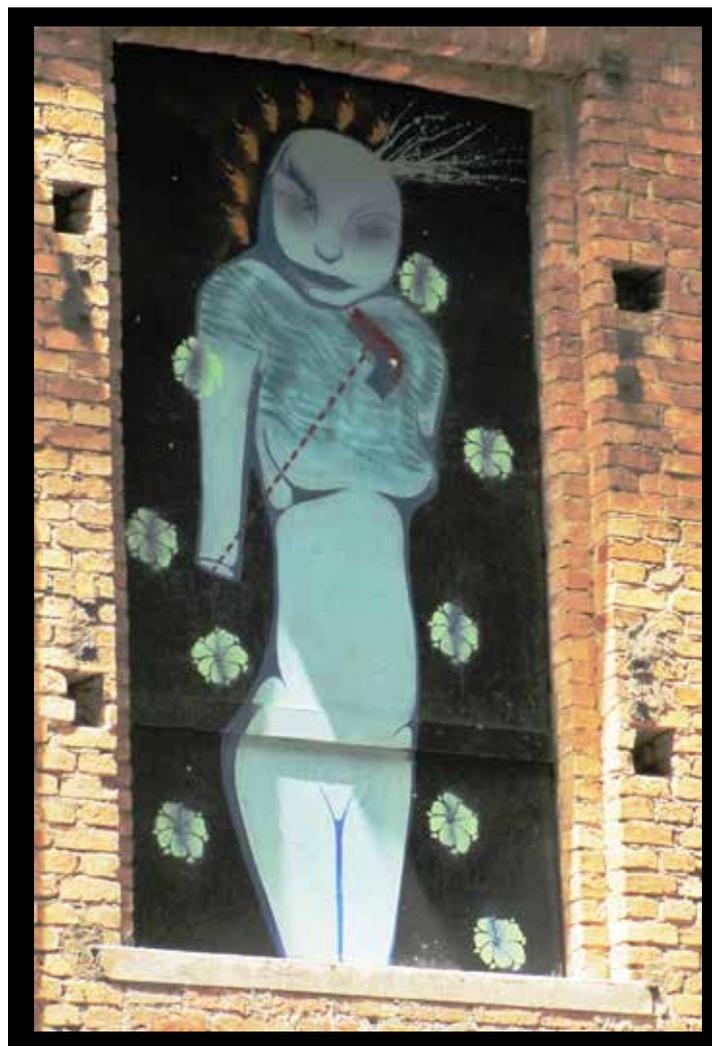
<sup>20</sup> Sobre a obra de Rosângela Rennó e Fernanda Magalhães cf. TVARDOVSKAS, Luana S. Figurações Feministas na arte contemporânea: Márcia X., Fernanda Magalhães e Rosângela Rennó. Dissertação de Mestrado, IFCH UNICAMP: Campinas, SP, 2008.

agens explicitam as construções sociais, culturais e históricas que modelam as subjetividades femininas. Esses são exemplos de algumas novas visibilidades sobre o feminino, potências desconstrutivas que nos convidam a repensar violências, determinações e exclusões pautadas no gênero – antigos problemas, certamente, mas cujas permanências ainda se fazem notar. Ao pensarmos com a teórica feminista Rosi Braidotti, apreendemos a arte enquanto zona plena de significações e reinvenções, que mostra sua força crítica ao nos sensibilizar para modos de viver, de se relacionar e de criar fora do instituído e do já pensado.<sup>21</sup> Ocupando o espaço público, criando representações de si brincalhonas e nômade, mulheres artistas contemporâneas têm mostrado uma nova sensibilidade política, com forte apelo para as sensações libertárias e para a ética, que merece ser problematizada.

<sup>21</sup>BRAIDOTTI, Rosi. “Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômada”. *Labrys, estudos feministas*, número 1-2, julho/ dezembro 2002. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem>

---

## UM OLHAR FOTOGRÁFICO SOBRE O FEMININO



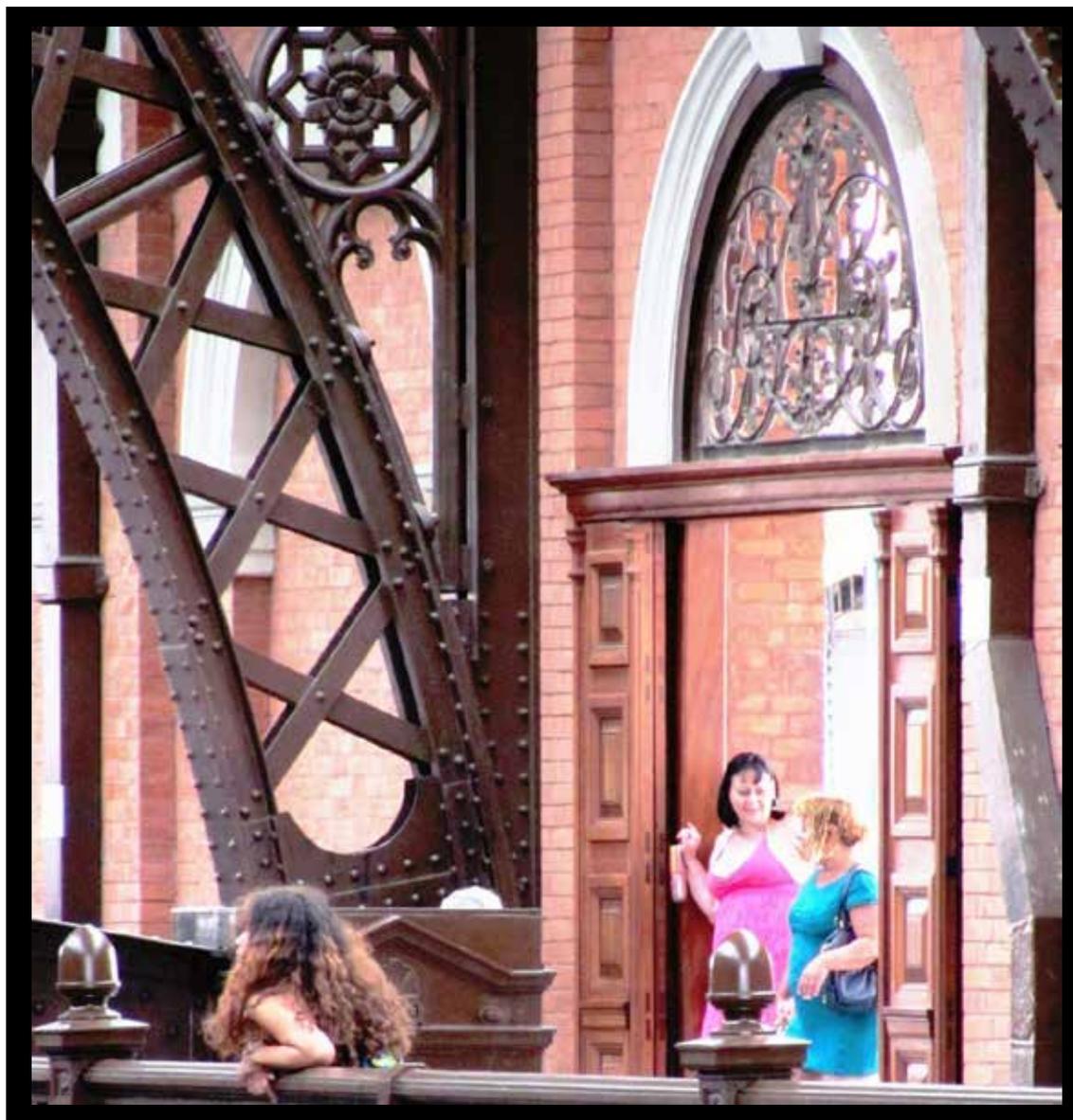
[Sem Título]

---

**Francisco Ripo**

Fotógrafo

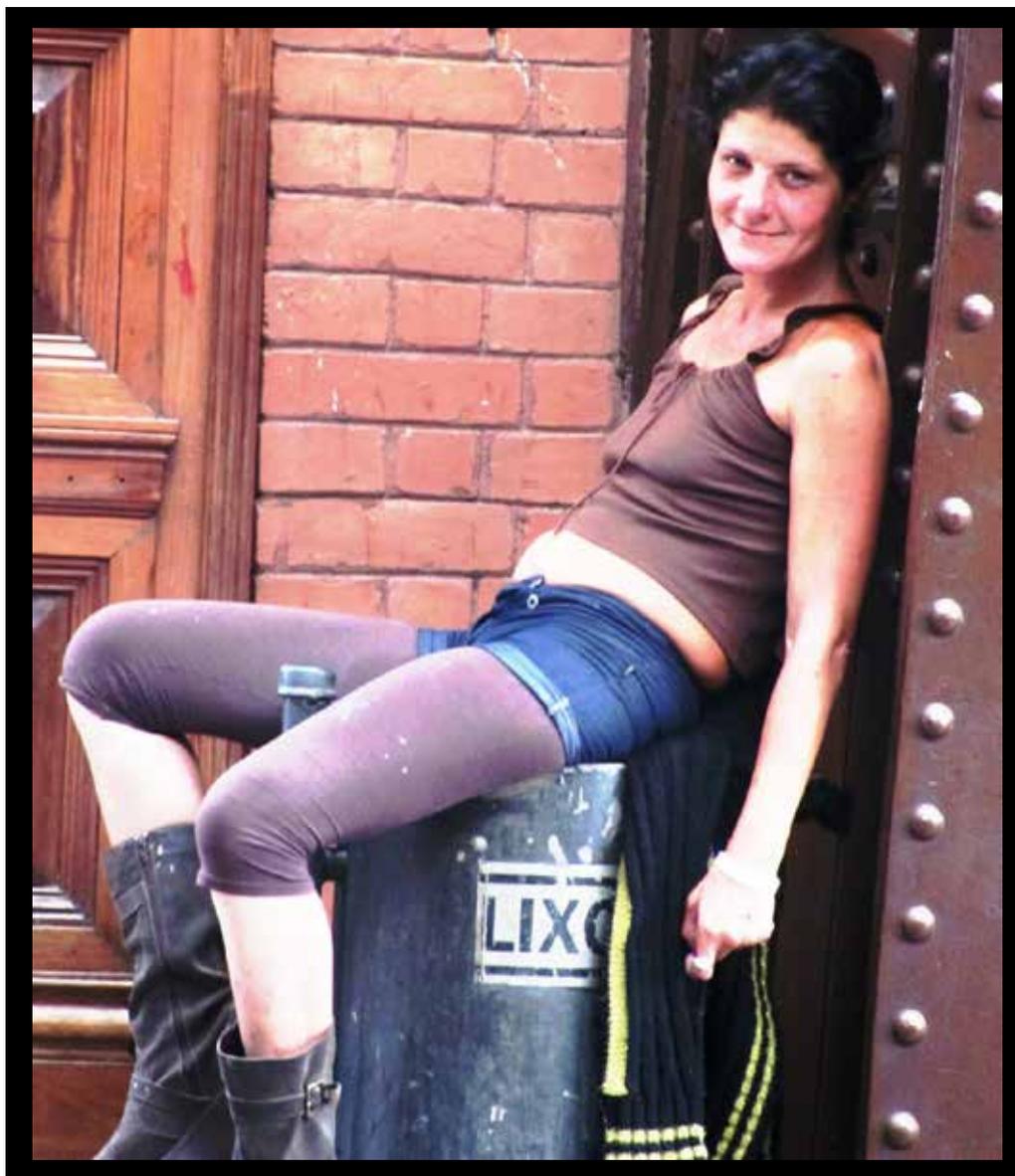
e-mail: franciscoripo@gmail.com



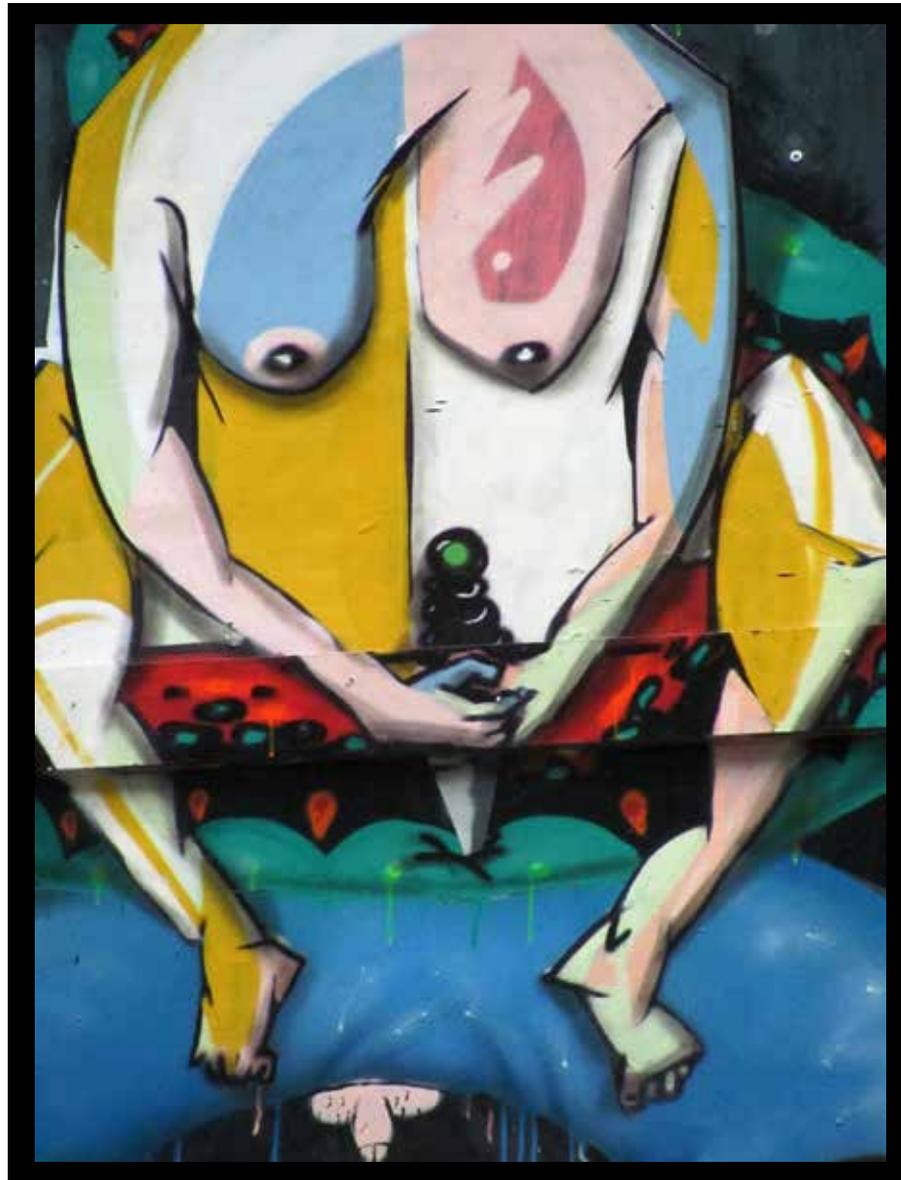
[Sem Título]



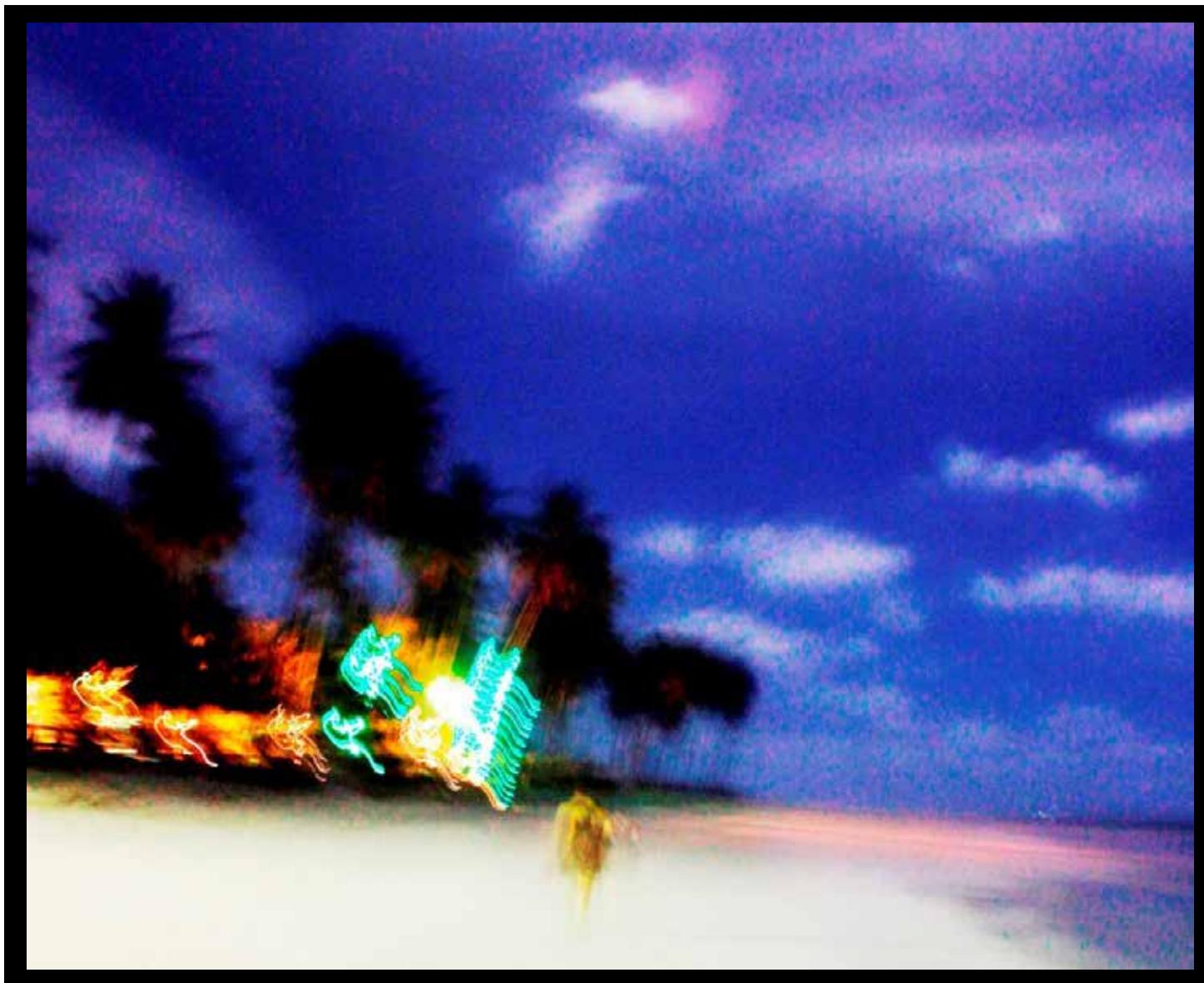
[Sem Título]



[Sem Título]



[Sem Título]



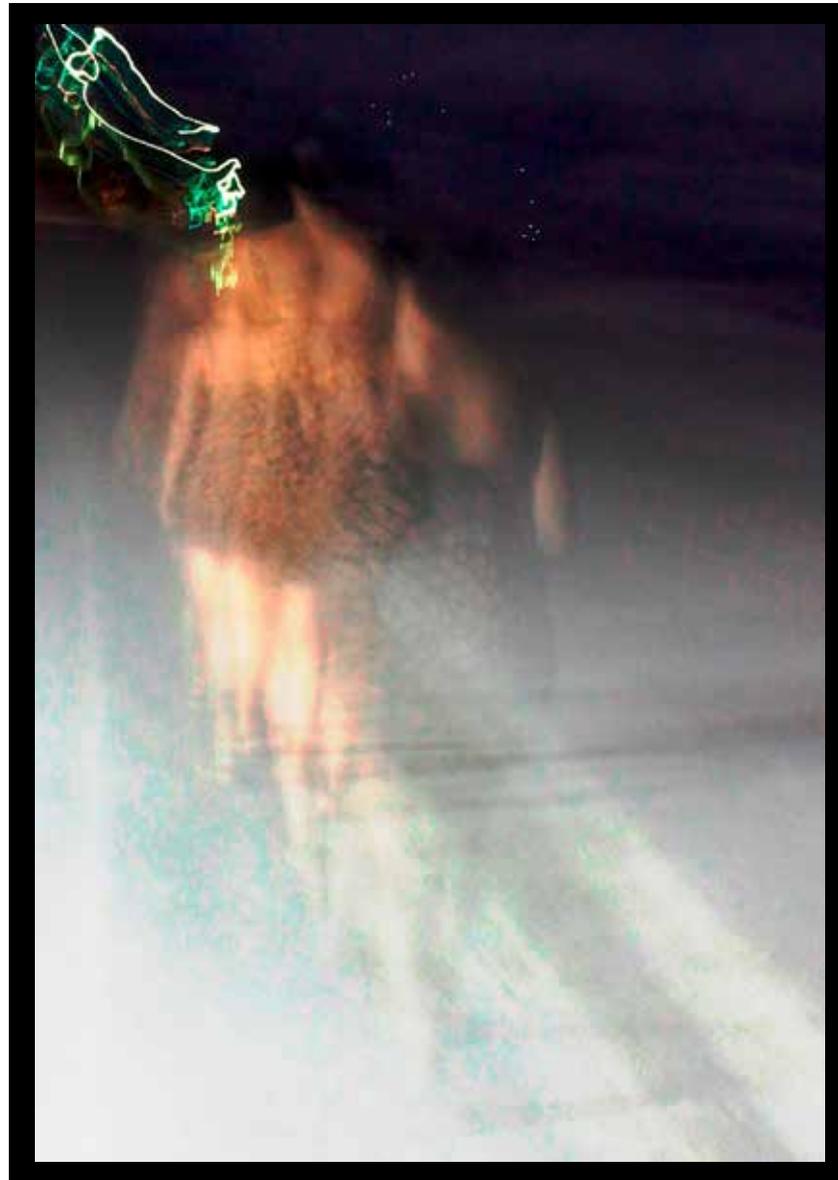
[Sem Título]



[Sem Título]



[Sem Título]



[Sem Título]

## Um olhar fotográfico sobre o feminino

A fotografia é o olhar de quem fotografa. Esse olhar, por sua vez, é o recorte de um momento, de uma situação, de uma ação. O olhar que retira, recorta, do tempo-espaço uma ação, uma situação fazendo um registro, um tipo de memória; inventa possibilidades de leitura ou leituras desse registro.

A experiência com a fotografia estabelece um vínculo de intimidade com o tempo-espaço, onde o olhar do fotógrafo capta a fotografia, mesmo antes de processada através das lentes da máquina fotográfica. A realidade objetiva e a realidade subjetiva vão se inventando a cada clic. A foto inaugura uma leitura do que foi recortado que não é fechada em si mesma, permitindo outras leituras do que foi registrado. Através do olhar fotográfico podemos construir subjetividades. As fotos falam sobre um momento recortado de uma situação, atribuindo uma nova experiência subjetiva descolada do tempo-espaço de que foram retiradas.

Neste sentido, a foto estabelece um discurso pessoal e singularizado com os envolvidos diretamente: quando olham e tocam as fotos, falam uma fala de si, de seus desejos, sentimentos, fracassos, alegrias, tristezas, venturas e desventuras. Uma porta se abre entre a experiência passada e a atual: a foto leva a recordar e a reconstruir momentos da história de suas vidas, atuando na subjetividade presente. Mas também a foto, ou um conjunto de fotos, produz efeito sobre outras pessoas exteriores ao contexto que a originou enquanto registro, participando igualmente da construção da subjetividade.

As fotos, nesse caso em particular que vem a público, procuram traçar um plano de trabalho sobre a construção do olhar fotográfico: é uma entre outras possibilidades de leituras. Essa leitura procura estabelecer um diálogo subjetivo não identitário. O conjunto de fotos procura registrar, compartilhar, criticar, refletir, sobre uma situação a partir de um determinado olhar sobre um dos aspectos do feminino. Cada foto está repleta de signos e significados, inventando uma história por meio da sequência de imagens, como um filme mudo que procura dialogar com o leitor.

### Francisco Ripo

Possui graduação em Sociologia e Política pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1996); especialização em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP (2002). Atualmente é associado do Centro de Cultura Social (CCS) e pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas Anarquistas (GEPAn)

---

## BELEZA E FRUIÇÃO ESTÉTICA: OS CONTORNOS DO FEMININO NA ARTE

*As coisas de que temos certeza absoluta jamais são reais*  
Oscar WILDE<sup>22</sup>

Com a frase de Wilde que nos serve de epígrafe, iniciamos nossas reflexões a respeito da presença do feminino na arte. Nós apreendemos o mundo por meio da linguagem, que o recria diante de nossos olhos. Nossa verdade, por isso, não se dá pelo contato direto com o a realidade, pois ela será sempre refratada pela linguagem. O cinema, as artes plásticas, a fotografia, a dança, dentre outras diversas formas de manifestação artística, não apresentam, assim, a mulher real, mas um efeito de sentido de feminino elaborado a partir de uma série de estratégias discursivas que recriam a imagem da mulher. A arte, mimética por princípio, faz renascer diante de nós o eterno feminino.

Por essas razões, a recriação do feminino do discurso poético não depende de ter uma alma acentuada ou de ter as experiências que só o sexo feminino pode ter; depende, isso sim, de o artista reconhecer a imagem da mulher que está no mundo e projetá-la nas artes, de modo que o público final reconheça e identifique essa imagem feminina, processo que o fará ter a impressão de que aquilo que está sendo apreciado perpassa pelo olhar da mulher.

O feminino, em sua essência, é plural, mas, de forma geral, temos um contato fragmentado com ele: a mulher passional, subjugada, resignada, lírica, sensual, dentre muitos outros estereótipos do feminino, afinal o discurso artístico, de modo geral, prioriza uma das tantas faces femininas, muito embora a mulher presente no mundo descortine-se diante de nós em sua multiplicidade. Esses retratos fragmentados, porém, pensados em conjunto, deixam entrever a figura feminina humana e plural, tanto em suas oscilações de pensamentos quanto de sentimentos.

A figura feminina, desde a Antiguidade Clássica até a contemporaneidade, sempre foi reproduzida nas artes como objeto de percepção estética, motivo pelo qual ela é associada à própria concepção de beleza. O corpo feminino nu, repleto de contornos curvilíneos, rosas púrpuras, harmonia e equilíbrio, é a própria encarnação do conceito da beleza. Essa é a razão pela qual arte e feminino estão tão atrelados.

Tal processo fusional explica-se pelo fato de que a arte tem por vocação criar uma realidade estetizada e bela por natureza, a qual nos faz (re)viver o que não pudemos apreender na fugacidade da vida: a beleza

---

**Marcela Ulhôa Borges Magalhães**

Doutoranda em relações intersemióticas na UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara  
e-mail: marcelacfj@hotmail.com

<sup>22</sup>WILDE, O. O retrato de Dorian Gray. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 171

roubada, que nos escapa e deixa apenas o vazio da nostalgia e da saudade. O ser humano é impulsionado a ir ao encontro da beleza e a entrar em conjunção com ela. Ele persegue o objeto estético de modo a alcançar a harmonia e a perfeição, muito embora a impossibilidade de sustentar os momentos do êxtase da conjunção deixem-no completamente impotente diante da apreciação do belo. A figura feminina, objeto estético por natureza, faz a arte resgatar essa beleza fugida e proporcionar ao olhar humano a fruição estética em elevadíssimo grau.

Mais eficiente, porém, do que buscar o consolo do fracasso da existência na arte, é estetizar a própria vida, metamorfoseando-a em arte. Devemos perseguir o eterno feminino diariamente e deixá-lo embelezar nosso olhar. A cada dia vivido, demos travar uma batalha silenciosa pela beleza e buscá-la incessantemente num mundo repleto de imperfeições, mas que nos oferece, por entre os feixes da feiura, glances de equilíbrio e harmonia, como muito bem podemos constatar na presença da figura feminina.

---

## PERFIL FEMININO



[Sem Título]

---

**Sofia Elaine Cerni Baú Ortega Gálvez**

Doutora em Letras e fotógrafa

e-mail: [sofiabau@gmail.com](mailto:sofiabau@gmail.com)



[Sem Título]



[Sem Título]



[Sem Título]



[Sem Título]

### **A mulher e suas caras**

Estas são imagens feitas em diversos lugares da Europa, em países de línguas, religiões e culturas diferentes, onde a presença feminina foi possível verificar de uma maneira normal para os padrões ocidentais. Através de algumas delas se entrevê o tratamento dado às mulheres desses lugares, umas com sua imagem intacta, outras apenas vistas de costas, outras ainda com máscaras de todos os tipos, sejam elas de carnaval, sejam elas do dia-a-dia. Algumas dessas mulheres são fictícias, são retratos visivelmente masculinos do que deve ou do que se pressupõe que deva ser uma mulher nos dias de hoje. Poucas se deixam mostrar do que essencialmente são feitas, sua matéria prima primordial, seus desejos além do make up, além do fitness castrador. Algumas se recolhem num mundo que acreditam ser seus. E são, na medida em que possam transformá-lo, ditá-lo e negá-lo quando bem o quiserem. Muitas delas ainda não podem fazê-lo, muitas delas ainda sentam-se lado a lado ao seu símile masculino e lhes escutam os ditames, acatam seus ideais e somente depois, quando se veem travestidas e não distinguem mais seus próprios traços no espelho, percebem que essa imagem foi mal traduzida e padecem conscientes ou não, o fato é que padecem quase irremediavelmente.

Essas fotografias foram feitas de espanto, de instantâneas e não de poses. São capturas de momentos vistos e entrevistados durante simples, mas atentas caminhadas e através delas pretendo que funcionem como espelhos. Que vejamos todas em que nos transformamos e de uma vez por todas que decidamos em que queremos nos transformar afinal.

### **Sofia Elaine Cerni Baú Ortega Gálvez**

Doutorado em Letras, UNESP – Araraquara, UNIRIOJA – Espanha. Concluído em 2004. Mestrado em Letras, UNESP – Araraquara. Concluído em 1999. Graduação em Letras, UNESP – Araraquara. Licenciatura em Português, Inglês e Alemão. Concluído em 1992. Mostra Fotográfica Olharconsentido em San Martino di Lupari, Padova, Itália em maio de 2009 e em setembro de 2009 no Centro de Artes UNIARA de Araraquara, SP, Brasil. Voluntária da ONG- COOPERA [www.coopera.cc](http://www.coopera.cc) em Logroño, Espanha, 2005. Revisora Editorial da “REVISTA UNIARA” - Revista Universitária do “Centro. Universitário Uniara de Araraquara” [www.uniara.com.br/revistauniara](http://www.uniara.com.br/revistauniara) em 2003-2004-2005. Co-Produtora do Programa “Pintamonos – música e cultura latina”, na Uniara FM. 2002.

---

## O COTIDIANO DA MULHER VIKING

O imaginário feminino sobre as mulheres que viveram na Era Viking (séculos VIII – XI) durante a Alta Idade Média na Escandinávia sempre esteve cercado de brumas. Para alguns, que não dedicaram um olhar mais atento sobre o cotidiano dessas mulheres, podem acreditar que elas viviam sob o jugo dos homens e eram totalmente submissas a sua vontade e ordens, sem direito de expressar opiniões. O cinema, a literatura, as artes plásticas encarregaram-se de difundir esse quadro que, quando analisado mais pormenorizadamente percebe-se que há uma grande distorção do cotidiano das mulheres da Era Viking.

Vivendo em fazendas ou em pequenas vilas isoladas, as esposas dos fazendeiros ricos e livres que possuíam um alto status social viviam cercadas por serviçais, tecidos caros importados de Bizâncio, joias muito elaboradas, as mais finas louças e copos de estanho e prata, sem contar os vinhos importados, os queijos e as especiarias orientais que conferiam um sabor especial à comida do dia-a-dia. Essas mulheres cobertas por vestidos de linho e lã finamente tecida de cores muito vivas: azul, vermelho, bordô e verde refletiam todo o seu poder dentro e fora do lar: carregavam na cintura, as chaves da casa e da despensa, pois nenhum alimento era consumido, nenhuma ferramenta utilizada e nenhuma semente plantada sem a sua autorização. A mulher detinha assim o poder da manutenção da vida da família, dos servos e de todos que vivam sob a sua proteção, e esse poder era reforçado principalmente durante a au-

sência do esposo. Quando voltamos nossos olhos para uma sociedade da qual atualmente temos somente os vestígios de sua rica cultura material e literatura, muitas vezes fazemos leituras errôneas sobre o seu modo de vida e principalmente de como as mulheres vivam nessa sociedade.

Há uma passagem interessantíssima que nos revela toda a astúcia das mulheres vikings: a cidade havia sido atacada, os homens mortos, as casas incendiadas, mas mulheres e crianças foram poupadas. Assustadas, mas confiantes de que naquela noite os machados se fartariam, elas arrumaram as mesas, cozinham e serviram as melhores e mais fortes cervejas aqueles “visitantes”. Quando estavam fartos e com a bebida a lhes chamar para o sono revigorante, finalmente as facas saíram das bainhas, os machados dos cepos e encontraram carne e sangue para se fartarem. Quando todos estavam praticamente mortos elas fugiram, mas antes incendiaram tudo e assistiram ao espetáculo do alto de uma colina. Esse episódio é conhecido como a narrativa folclórica de Blenda.

Mulheres casadas e poderosas: eram atraentes e também provocantes com seus cabelos devidamente envoltos em finos lenços e seus vestidos de cores vivas adornados com colares de contas diversas e metais preciosos. Conheciam seus lugares em seus lares e na sua família e os ocupavam com grande desenvoltura, exibindo em sua cintura uma bela faca e vez ou outra amava beber!

---

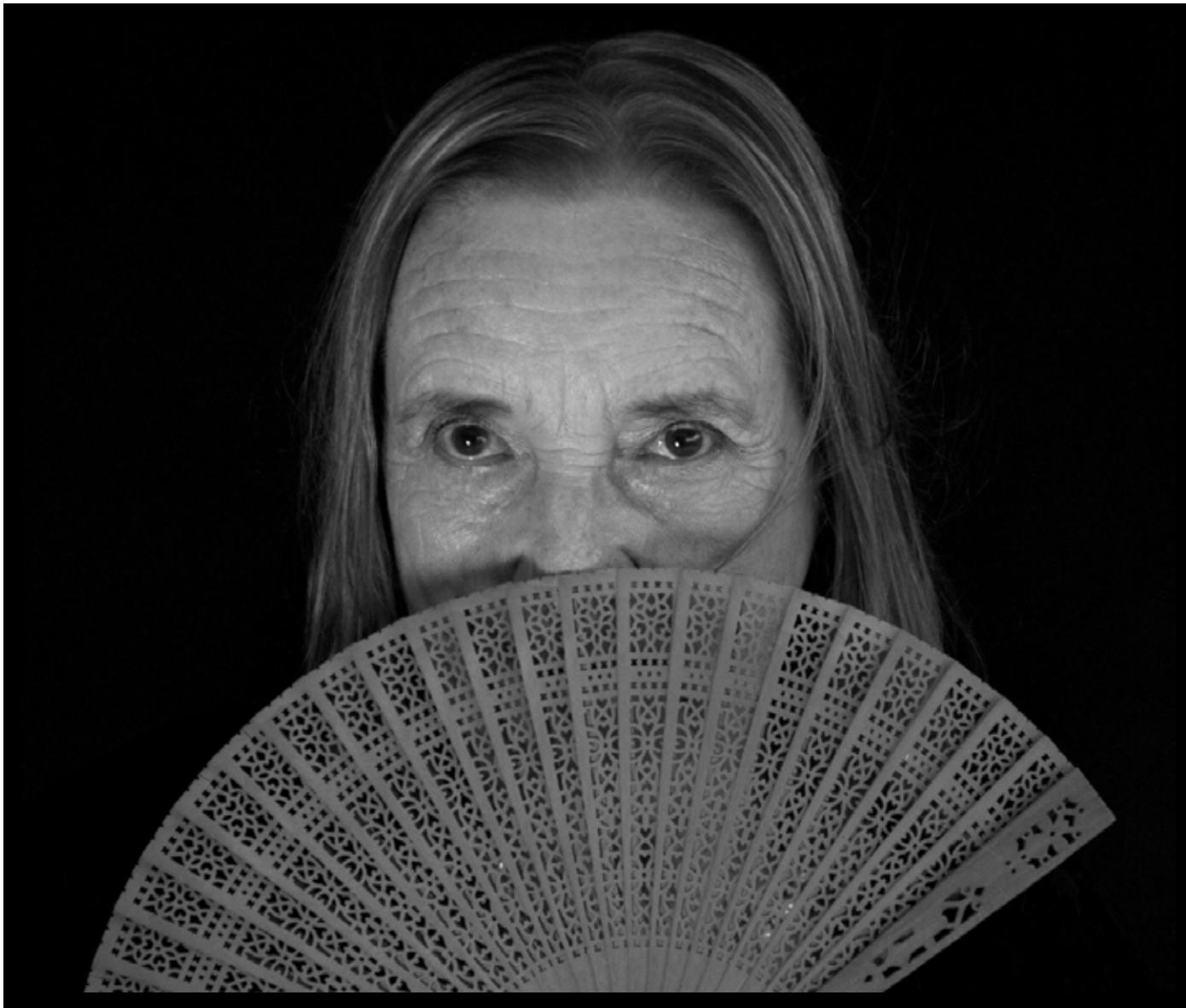
## ATEMPORAL



«Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer  
do planeta»  
Mítton Nascimento

---

**Olívia Goulart**  
Fotógrafa e designer



«Olha a minha cara é só mistério/ Não tem segredo/ Vem cá/ Não tenha medo / Só não se perca ao entrar /No meu Infinito particular»

Marisa Monte



«Essa vida só cabe na palma da minha paixão»  
Miton Nascimento



«Ah, meu amor que tristeza me dá / Ver o dia querendo amanhecer / E  
ninguém cantar!»  
Baden Powel/ Vinicius de Moraes



«Não vê, tá na cara,/ Sou porta-bandeira de mim»  
Marisa Monte



«Em alguns instantes/Sou pequenina e também gigante»  
Marisa Monte



«Essa menina,/Essa mulher,/ Essa senhora /Em que esbarro toda hora/ No espelho casual»  
Elis Regina



«Ontem de manhã quando acordei/ Olhei a vida e me espantei:/ Eu tenho mais de vinte anos/ E eu tenho mais de mil / perguntas sem respostas»  
Sueli Costa e Victor Martins



«Nova esperança, bate coração / Renascer cada dia com a luz da manhã»  
Elis Regina



«Vem que passa/ Teu sofrer/ Se todo o mundo sambasse /Seria tão fácil  
viver»  
Chico Buarque

**Olivia Lobo Goulart**

Bacharel em Relações Internacionais pela FASM/SP, descobriu em Paris sua paixão pelas artes. Lá viveu 4 anos onde começou sua experimentação em Belas Artes, Ilustração, Design e Fotografia, passando pela École du Louvre, ESAG Penninghen e Intuit.lab. De volta ao Brasil, trabalhou como designer na Young & Rubicam e atualmente é designer na Leo Burnett Taylor Made.